

BARBARA O'CONNOR

• Autora do aclamado *Apenas Um Desejo* •

≡ A GRANDE ≡
Recompensa

Quando tiveres de escolher um caminho,
ouve sempre o teu coração.



booksmite

Para os cães da minha vida:
Phoebe, a doce,
Matty, o zangado,
E Murphy, o que roubou o meu coração.



O dia em que decidi roubar um cão foi o mesmo em que a minha melhor amiga, a Luanne Godfrey, descobriu que eu vivia dentro de um carro.

Eu tinha dito à mamã que ela acabaria por descobrir, já que é tão abelhuda e tudo. Ora, a mamã revirou os olhos e disse:

— Vai lá para a paragem do autocarro, Georgina, e deixa-te de lamúrias.

Assim fiz. Fiquei especada na paragem do autocarro a fazer de conta que ainda morava no apartamento 3B. Fiz de conta que não tinha mostarda na blusa do dia anterior. Fiz de conta que não tinha lavado a cabeça na casa de banho da estação de serviço da Texaco nessa mesma manhã. Fiz de conta que o meu pai não tinha sumido e nos deixado

apenas com três rolos de moedas e um boião de maionese com um maço de notas dentro.

Devo ser muito boa a fazer de conta.

Mas o meu irmão Toby já não tem tanto jeito. Quando a mamã o mandou para a paragem do autocarro e deixar-se de lamúrias, ele chorou e portou-se como o bebezinho que é.

— O que é que o Toby tem? — perguntou a Luanne quando estávamos espedados na paragem do autocarro.

— Doem-lhe os ouvidos — respondi, a esforçar-me muito para aparentar que a minha vida era o mais normal possível, em vez da loucura que era na realidade.

Quando vi a Luanne semicerrar os olhos e comprimir os lábios, soube que ia meter o bedelho e que isso me iria irritar.

E, claro, ela perguntou:

— Então como é que a tua mãe o obriga a ir à escola? — Continuou a olhar para mim com aquele ar vesgo que ela tem, mas não dei a entender que isso me irritava. Encolhi os ombros e esperei que ela se calasse com o Toby.

Calou-se, mas passou a ser abelhuda com a minha pessoa.

— Sem ofensa, Georgina — começou. — Mas tu começas a parecer assim, tipo, desmazelada.

Desmazelada? Aquilo era a mãe dela a falar, de certezinha. A Luanne nunca diria a palavra «desmazelada» se não a ouvisse à mãe primeiro.

E o que é que eu devia dizer a isso? Devia dizer: «Bem, para tua informação, Luanne Godfrey, custa muito ter roupa com bom ar quando se dorme no banco de trás de um *Chevrolet* há uma semana, sabias?»

Ou talvez devesse dizer: «Eu sei, Luanne, mas a escova do cabelo ficou na pilha de tralha que o Sr. Deeter deixou no passeio quando nos pôs fora do apartamento.»

Depois a Luanne diria: «Porque é que o Sr. Deeter fez uma coisa dessas?»

Ao que eu diria: «Porque três rolos de moedas e um boião de maionese com um maço de notas dentro não chegam para pagar a renda, Luanne.»

Mas, eu não disse nada. Fiz que não tinha ouvido a palavra «desmazelada». Entrei no autocarro e

sentei-me no sexto banco à esquerda com a Luanne, como fazia sempre.

Mas sabia que a Luanne não se iria dar por satisfeita. Sabia que ela continuaria a meter o bedelho até desvendar a verdade.

— E se ela quiser lá ir? — perguntei à mamã. — Ou se espreitar pela janela e descobrir que já não moramos lá?

Porém, a mamã enxotou-me com a mão e fechou os olhos, a indicar que estava cansadíssima de ter dois empregos. Por isso, todos os dias eu imaginava a Luanne a espreitar pela janela da cozinha do apartamento 3B. Quando espreitasse, claro que não me veria, nem ao Toby, nem à mamã e ao papá, a jantarmos todos contentinhos. Veria outra família. Uma família feliz que não estava estragada como a minha.

Nisto, um belo dia, quando saímos do autocarro da escola, a Luanne fez a coisa mais abelhuda que eu podia imaginar. Seguiu-me. Eu estava a tentar apanhar o Toby, porque ele pegou na chave do carro

e corria à minha frente, portanto nem reparei nela atrás de mim à socapa. Seguiu-me o caminho todo, passámos pelo apartamento 3B, atravessámos a rua, demos a volta até às traseiras da Drogaria Eckerd, onde tínhamos o carro estacionado com roupa estendida nas janelas e o Toby sentado numa grade de leite à minha espera.

Se houve uma altura em que desejei ter um buraco onde me esconder, foi quando me virei e vi a Luanne a mirar-me e ao Toby e ao carro e tudo. Vi-lhe os pensamentos claros como água estampados na cara.

Apetecia-me sacudir a mão e fazer aquele carro amolgado desaparecer da face da terra, mas, acima de tudo, queria que o meu papá regressasse a casa e que voltasse tudo ao que era dantes.

Arvorei um sorriso na cara e disse: «É temporário», como a mamã já me tinha dito uma centena de vezes.

A Luanne ficou muito corada e fez:

— Oh.

— Quando a mamã receber, mudamo-nos para o apartamento novo — continuei.

— Oh.

Depois ficámos ali espedadas, a olhar para os pés. Até senti a distância entre nós a aumentar, a aumentar, até parecer que a Luanne Godfrey, minha amiga desde sempre, estava bem longe, do outro lado do universo.

Finalmente, ela disse:

— É melhor ir-me embora.

Mas não foi. Ficou ali e eu fechei os olhos com força, mandei a mim mesma não parecer digna de pena e, pelo amor de Deus, não chorar.

Claro que o Toby tinha de piorar tudo ao afirmar:

— A mamã deixou um recado a dizer que vai trabalhar até tarde e que temos de comer o macarrão que está na geleira.

A Luanne arqueou as sobrancelhas e disse:

— Há muito tempo que não vejo o teu papá.

E pronto. Não consegui impedir que os sentimentos me jorrassem dos olhos bem fechados. Sentei-me no chão do parque de estacionamento da drogaria e contei à Luanne tudinho.

Senti que ela punha o braço à minha volta e que dizia alguma coisa, mas estava tão entregue à

desolação que só sabia chorar. Quando se me acabaram as lágrimas, levantei-me, sacudi a terra das calças, tirei o cabelo dos olhos e pedi:

— Prometes que não contas a ninguém?

A Luanne fez que sim com a cabeça.

— Prometo.

— Quer dizer, nem sequer à tua mãe.

Os olhos da Luanne mexeram-se um segundo, mas ela disse:

— Está bem.

Estiquei o dedo mindinho no ar e esperei que fizesse comigo a promessa do mindinho, mas ela hesitou.

Bati o pé e espetei o dedo. Finalmente, ela enfiou o dedo dela no meu e abanámo-los.

— É melhor ir-me embora.

Fiquei a vê-la correr pelo parque de estacionamento, olhar para trás e desaparecer na esquina da drogaria.

— Detesto aquele macarrão — disse o Toby, sentado na grade do leite. Era mesmo típico dele não me dar um minuto sequer para ter peninha de mim própria.

Fui a pisar grosso à traseira do carro e dei um pontapé na geleira, que tombou de lado e deitou gelo e água e caixas de plástico para o chão.

— Eu também — concordei.

Depois entrei no banco de trás do carro e fiquei à espera de que a mamã voltasse.

Já estava muito escuro quando ouvi os sapatos da mamã a fazerem clique-claque no asfalto, a caminho do carro. Sentei-me e olhei pela janela. Mesmo com a pouca luz dos candeeiros da rua, vi-lhe o ar cansado e triste. Parte de mim queria ficar sossegada, adormecer outra vez e deixá-la em paz, mas a outra parte queria sair e dizer de sua justiça, e foi o que fiz.

A mamã sobressaltou-se quando abri a porta do carro.

— Que diabo estás a fazer acordada, Georgina? — perguntou.

— Detesto isto — declarei. — Não quero continuar. — Fechei a porta do carro devagar para o Toby não acordar; depois virei-me para a mamã e prossegui: — Tens de fazer alguma coisa. Tens de nos

arranjar um sítio para morar. Um sítio *a sério*, não um carro.

A mamã estendeu a mão como que para me tocar, mas encolhi-me. Ela deixou cair a mão ao longo do corpo como se fosse pesada como cimento. Depois exalou uma rajada de ar que até lhe levantou o cabelo da testa.

— Estou a tentar — disse.

— Estás a tentar como?

Ela atirou a carteira pela janela do carro para o assento da frente.

— Estou e mais nada, está bem, Georgina?

— Mas como?

— Tenho dois empregos. O que mais queres que faça?

— Arranja um sítio para morarmos. — Afastei-me dela a pisar grosso, mas tornei atrás. — A culpa é toda tua.

Ela avançou e agarrou-me pelos ombros.

— É preciso dinheiro para ter casa. — Ela sacudiu-me um bocadinho quando disse a palavra «dinheiro». — Estou a tentar poupar, está bem? — continuou.

Largou-me e encostou-se ao carro.

— De quanto dinheiro precisamos? — perguntei.

Ela olhou para o céu como se a resposta estivesse escrita nas estrelas. Depois abanou a cabeça muito devagar e respondeu:

— Não sei, Georgina. De muito, está bem?

— Tipo, quanto?

— Mais do que temos.

Ficámos ali as duas às escuras, a ouvir os grilos do terreno do lado.

A mamã pôs o braço no meu ombro, encostei a cabeça nela e apeteceu-me ser bebé outra vez. Um bebé que só chora e de quem cuidam e que passa o dia assim.

Finalmente, fiz-lhe a mesma pergunta que já fizera um milhão de vezes.

— Porque é que o papá se foi embora?

Senti-a soçobrar de corpo inteiro.

— Quem me dera saber. — Ela tirou-me o cabelo dos olhos. — É provável que tenha ficado cansado de tudo.

— Cansado de quê?

O silêncio entre nós era grande e escuro, como um muro. Depois fiz a pergunta que me andava a queimar um buraco no coração.

— Cansado de mim?

A mamã levantou-me o queixo e olhou-me intensamente.

— A culpa não é tua, está bem?

Ela espreitou para dentro do carro, a ver o Toby, todo enrolado no banco traseiro.

— Temos de nos ir embora — declarou.

— Para onde?

— Não sei. Para outro lado. — A porta do carro rangeu quando ela a abriu e fez eco no ar parado da noite. — Estamos aqui há duas noites — continuou ela. — A polícia ainda nos prende se não sairmos daqui.

Ela lançou-me um olhar quando viu a geleira virada no chão, e ajudei-a a recolher as coisas antes de entrar no carro. Saímos do parque de estacionamento, deixei-me afundar no assento, a olhar sombriamente pela janela. As lojas vazias por onde passávamos faziam Darby, na Carolina do Norte, parecer uma cidade fantasmagórica, todas trancadas e às escuras.

A mamã entrou na viela ao lado da loja Autopeças do Bill. Quando desligou o motor, fomos engolidos pelo sossego.

Pendurei uma toalha de praia na corda que a mamã esticara ao meio do carro, para fazer o meu quarto. Imaginei a Luanne, aninhada na colcha cor-de-rosa e branca, com os peluches alinhados na parede ao lado, e os prémios de ginástica colados ao espaldar, e tive mesmo muita pena de mim mesma.

Depois enrolei-me no banco e virei-me de todas as maneiras para ficar confortável. Finalmente, instalei-me de costas, com os pés contra a porta do carro, e olhei para o céu estrelado.

Nisto, vi-o. Um cartaz, afixado num poste telefónico mesmo do lado de fora da janela do carro. Um cartaz velho e descorado que dizia: «RECOMPENSA: 500 dólares.» Por baixo, a fotografia de um cãozito de olhos esbugalhados e com a língua de fora.

Mais abaixo dizia: «SABES ONDE ESTOU? CHAMO-ME *MITSY*.»

Quinhentos dólares! Mas quem é que paga 500 notas por um canito velho?

— Mamã? — sussurrei pela parede que era a toalha de praia.

A mamã mexeu-se no banco da frente.

— Quinhentos dólares chegam para termos onde viver? — perguntei. A mamã suspirou.

— Acho que sim, Georgina. Agora, dorme. Amanhã tens aulas.

Olhei para a *Mitsy* e a minha cabeça começou a dar voltas.

Suponhamos que eu encontrava o cão. Podia receber o dinheiro, e podíamos ter onde viver em vez do carro velho e fedorento.

Porém, o cão podia estar em qualquer lado. Eu nem saberia onde procurar. Além disso, o cartaz era velho. Já deviam ter encontrado a *Mitsy* e recebido os 500 dólares.

Fiquei a olhar pela janela para o cartaz, a pensar na *Mitsy* e a perguntar-me se haveria mais gente a pagar em dinheiro pelos cães perdidos.

Foi quando me ocorreu uma coisa que me fez sentar tão depressa que o Toby resmungou a dormir e a mamã bufou:

— Chiu.

Dobrei as pernas e deitei-me no meu quarto de toalha de praia. O assento húmido cheirava a batatas fritas gordurosas e a inseticida. Fechei os olhos e sorri de mim para comigo. Tinha uma ideia.

Iria roubar um cão.



Pensei na ideia uns dias antes de decidir contar ao Toby.

— Tens de guardar segredo — ordenei.

Espreitei pelo vidro de trás do carro e puxei a toalha de praia por cima das nossas cabeças. A mamã tinha saído para trabalhar; eu e o Toby estávamos a fazer tempo para irmos esperar pelo autocarro.

O Toby fez que sim com a cabeça às escuras debaixo da toalha.

— Vou guardar — disse ele.

Cheguei a cara mais à dele e afirmei:

— Não podes contar a *ninguém*, ouviste?

— Ouvi.

Sabia que era arriscado contar o plano ao Toby, mas calculei que tinha de ser. A mamã tinha dito

que ele devia ficar comigo depois das aulas, portanto, eu tinha-o à perna. Nem sequer podia ir a casa da Luanne nem nada. Como é que ia roubar um cão sem o Toby descobrir? Depois ia logo contar à mamã, de certezinha. Se o fizesse pensar que ele fazia parte do meu plano secreto, talvez não fosse o bebé queixinhas que costuma ser.

— Tenho um plano — comecei.

Parei um minuto para causar *suspense*, porque o Toby gosta de *suspense*. Ele olhava-me com os olhos arregalados. O hálito dele cheirava a atum, e desejei não nos ter tapado com a toalha daquela maneira.

— Vamos roubar um cão — declarei. — E esta, hein?

Sorri e fiquei à espera de que ele dissesse «caramba» como diz sempre, mas continuou a olhar para mim de boca aberta. O cheiro a atum pairou à nossa volta dentro da tenda de toalha de praia. Mexi a mão à frente do nariz e tirei a toalha de cima de nós.

— Credo, Toby — disse-lhe. — Não sabes lavar os dentes?

Ele fez-me má cara.

— Como? — bradou. — Aqui não há lavatório.
— Esbracejou a apontar para o carro.

— Serve-te da água da geleira — disse eu.

— Nem pensar. Está nojenta.

— Bem, adiante — continuei. — Não queres saber porque é que vamos roubar um cão?

Ele fez que sim com a cabeça e o cabelo oleoso caiu-lhe nos olhos. Tinha cabelo liso cor de cobre como o da mamã, e eu tinha de ter cabelo preto encaracolado como o pai, que detestava. Esta era apenas mais uma razão para estar zangada com o meu pai.

Alisei o cartaz amarelecido e amarrotado no assento entre nós.

— Por causa disto — expliquei. O Toby olhou para aquilo.

— O que é que diz?

— Pelo amor da santa, Toby, estás no 3.º ano.
— Apontei para o cartaz com o dedo bem esticado.
— «Recompensa», vês? Quinhentos dólares por este cão velho e feio. Dá para acreditar?

— Não é feio.

— É uma cadela — disse eu. — Chama-se *Mitsy*, vês? — Apontei para o cartaz outra vez. O Toby juntou as sobrancelhas.

— Porque é que vamos roubar esse cão?

— Não é este cão, idiota — respondi. — Vamos roubar um cão diferente.

— Qual cão?

— Ainda não sei — respondi. — Por isso é que preciso da tua ajuda.

Tornei a olhar pela janela. A viela ao lado da oficina estava vazia. Afundei-me mais no assento e fiz sinal ao Toby que se chegasse.

— Escuta — sussurrei. — Vamos arranjar um cão de que alguém goste tanto ao ponto de pagar uma recompensa para o ter de volta. — Dei uma cotovelada ao Toby. — Topas?

— Pagar recompensa a quem? — perguntou o Toby. Suspirei e abanei a cabeça.

— A nós, parvinho.

— Mas porque é que nos pagam se roubarmos o cão?

Revirei os olhos e recostei-me no assento outra vez.

— Juro, Toby, que às vezes acho que não bates bem. — Endireitei-me, segurei-lhe nos ombros e fitei-o intensamente. — A pessoa que adora o cão não sabe que nós o roubámos. A pessoa vai pensar que *achámos* o cão. Agora já percebes?

O Toby sorriu.

— OK — disse. — E onde está o cão?

— Temos de o achar — bradei.

Pus a mão na boca e olhei rapidamente em redor.

— Temos de o achar — repeti num sussurro. — A mamã disse que 500 dólares chegam para termos onde viver. Se roubarmos um cão, podemos receber 500 dólares, estás a ver?

O Toby tinha um ar que me fez pensar ter sido um erro contar-lhe o meu plano.

— Escuta, Toby — chamei-lhe a atenção. — É a única maneira de irmos a ter um sítio a sério onde morar, em vez deste carro, compreendes?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Não queres um sítio a sério onde morar?

Tornou a mexer a cabeça.

— Então temos de roubar um cão e receber a tal recompensa — continuei. — Se contares a alguém,

a qualquer pessoa, mais vale rezares e despedires-te desta terra, estás a ouvir?

— Está bem — disse ele. — Mas como é que roubamos um cão?

— Não te rales — respondi. — Estou a tratar disso.

Depois das aulas desse dia, eu e o Toby voltámos logo para o carro. Quando o abri, o Toby sentou-se no lugar do condutor e começou a barrar manteiga de amendoim numa bolacha de água e sal com o dedo. Sentei-me atrás e tranquei as portas. A mamã mandou-nos ficar sossegados. Se perguntassem o que estávamos ali a fazer, era para dizermos que estávamos à espera da mamã, que tinha ido ao banco ali ao lado.

Remexi no saco do lixo onde guardava as minhas coisas. Quando encontrei o caderno de espiral com capa roxa brilhante, abri numa folha nova e escrevi:

Como Roubar Um Cão
de
Georgina Hayes

Escrevi a data à margem: *5 de abril*. A seguir, escrevi:

Primeiro Passo: Achar um cão.

Mordisquei a ponta do lápis e olhei pela janela. Saiu alguém da porta lateral da oficina e atirou uma caixa de papelão para o contentor. Baixei-me logo no assento e esperei até ouvir a porta fechar-se outra vez. Depois escrevi:

Estas são as regras para achar um cão:

- 1. O cão não pode ladrar muito.*
- 2. O cão não pode morder.*
- 3. O cão tem de estar fora de casa sozinho algumas vezes.*
- 4. O cão tem de ser amado e não apenas um cão velho ao qual já não se liga.*
- 5. O dono do cão tem de ter ar de quem paga bom dinheiro para ter o cão de volta, talvez alguém com uma casa grande e que ande de limusina ou coisa assim.*

Depois risquei a parte da limusina, porque quem é que já viu uma em Darby, na Carolina do Norte?

Continuei a roer o lápis e olhei para o teto do carro. As manchas castanho-escuras faziam padrões como nuvens lá em cima. Do lado do condutor, a mamã tinha prendido com alfinetes de ama os números de telefone para eu e o Toby usarmos se precisássemos de alguma coisa. Acho que se esqueceu de que não tínhamos telefone naquele carro fedorento.

Tornei a ler a lista de regras e senti-me rachar ao meio. Metade de mim pensava: *Georgina, não faças isso. Roubar um cão não é coisa que se faça.*

A outra metade pensava: *Georgina, estás na pior e tens de fazer o que for preciso para sair dessa.*

Fiquei ali sentada no carro a sentir-me puxada de um lado para o outro. Assim, obriguei-me a parar de pensar e li as regras mais uma vez.

Tinha a certeza de abarcar tudo. Enfiei o caderno bem no fundo do saco e disse:

— Anda, Toby. Vamos lá achar um cão.

UMA HISTÓRIA AUTÊNTICA E ENCANTADORA.
QUE NOS MOSTRA A IMPORTÂNCIA DE FAZERMOS
SEMPRE AS ESCOLHAS CERTAS.

As coisas não estão nada fáceis para a Georgina! Depois de o pai desaparecer sem deixar rasto, a sua família foi despejada do apartamento onde morava e obrigada a viver no carro. Agora, enquanto a mãe se desdobra entre dois empregos para ganhar dinheiro suficiente para uma casa nova, a Georgina tem de cuidar do irmão mais novo, o Toby.

Mas a Georgina recusa-se a ficar de braços cruzados e sente que tem de fazer alguma coisa para ajudar a mãe.

Quando vê um velho cartaz a oferecer uma recompensa por um cão perdido, tem uma ideia genial: ela só precisa de encontrar um cão com donos ricos, «pedi-lo emprestado» e aparecer para receber o dinheiro da recompensa. Num plano tão simples e perfeito, o que é que pode correr mal?



«Um livro doce sobre o amor, que destaca o que há de melhor no mundo.»

School Library Journal

«Uma história emocionante e realista, que prende o leitor logo na primeira página.»

Kirkus Reviews

Também vais
gostar de ler



 <p>livros que saltam à vista</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-668-8</p> <p>9+</p>  <p>9 789897 076688</p> <p>Literatura Juvenil</p>
---	--